

DO ENSINO DA TERMINOLOGIA PARA TRADUTORES: DIRETRIZES BÁSICAS

Maria da Graça Krieger
UNISINOS - RS
mgkrieger@terra.com.br

Resumo: Os tradutores técnicos têm intensificado seu interesse pelos termos técnico-científicos, buscando maior conhecimento sobre sua estruturação e funcionamento. Evidencia-se, portanto, a necessidade de que, na formação dos tradutores, sejam oferecidas disciplinas de Terminologia teórica e aplicada que ofereçam subsídios teóricos e práticos que facilitem o manejo das terminologias. Diante disso, são referidos alguns princípios e diretrizes de reconhecimento e de análise dos termos técnico-científicos, relativos à natureza, propriedades prototípicas e funcionamento dos termos. Postula-se ainda que a Terminologia teórica, campo de conhecimento atualmente sustentado por fundamentos lingüísticos e textuais, pode oferecer ao tradutor subsídios teóricos e metodológicos que facilitem o tratamento dos termos técnicos, bem como sua gestão informatizada.

Palavras-chave: terminologia, termos técnico-científicos, linguagem especializada, ensino de tradução.

Abstract: Technical translators have intensified their interest in technical-scientific terms, searching for more knowledge about their structure and function. It becomes evident, therefore, the necessity for subjects in theoretical and applied terminology to be offered in translators education, so that these professionals have more appropriate background to manage terminologies. Given that scenario, this paper proposes some principles and directions about the recognition and analysis of technical-scientific terms related to the origin, the prototypical properties and the function of terms. It also proposes that theoretical Terminology, a field of knowledge currently supported by linguistic and textual foundations, can offer translators the theoretical and methodological knowledge to facilitate the treatment of technical terms and their computerized management.

Keywords: terminology, technical-scientific term, specialized language, translation teaching.

1. Terminologia e Tradução: aproximações

Ultimamente, os tradutores de textos técnicos estão ampliando seu interesse pelo estudo dos termos técnico-científicos, para além dos problemas imediatos de equivalência tradutória. Isso decorre de suas preocupações com a problemática do reconhecimento lingüístico-conceitual do léxico especializado, bem como da necessidade de registro e gestão, em glossários próprios, das inúmeras terminologias que proliferam nos mais diferentes campos técnicos, científicos, tecnológicos, jurídicos e humanísticos.

Tal interesse justifica-se, sobretudo, porque os tradutores compreendem que os termos técnico-científicos, objetos centrais da disciplina terminológica, são componentes lingüísticos e cognitivos nucleares dos textos especializados; constituindo-se, conseqüentemente, em peças-chave de representação e de divulgação do saber científico e tecnológico. Daí a importância de identificá-los e traduzi-los adequadamente, embora os termos não sejam os únicos elementos que permitem que a comunicação profissional cumpra suas finalidades. Ao contrário, o texto especializado possui muitas outras propriedades, bem como constituintes diversos, como as fraseologias e as definições que tecem parte de sua organização sintagmática, entre outros componentes.

No entanto, desconhecer as peculiaridades da terminologia de uma determinada comunidade profissional certamente acarreta traduções inadequadas, que não ganham confiabilidade (Araújo, 2001). O emprego correto de termos técnico-científicos contribui para o alcance da precisão semântico-conceitual que toda tradução de texto especializado obrigatoriamente requer, conferindo também ao texto de chegada grande parte das características expressivas comumente usadas pelos profissionais do mesmo campo de atuação.

O tratamento adequado da terminologia é, portanto, condição necessária, embora não suficiente, para efetuar uma boa tradução técnica, prática que não se reduz a problemas de vocabulários, tratando-se de um complexo processo de transposição interlínguas em que muitas variáveis - lingüísticas, semânticas, pragmáticas, estilísticas e culturais - estão envolvidas. Além das variáveis, há também diferentes formas de desenvolver o processo tradutório, incluindo fases e focos de tratamento que não são obrigatoriamente lineares e seqüenciais.

De igual modo, o reconhecimento do estatuto terminológico de uma unidade lexical é uma tarefa geralmente difícil, que, ao contrário do que muitos pensam, não se resume à identificação mecânica de palavras não usuais, nem tampouco à identificação de um jargão hermético e distinto do léxico geral. A dificuldade em reconhecer as terminologias, que afeta os tradutores, e, igualmente, os terminólogos, relaciona-se a aspectos tanto de natureza cultural, quanto de estruturação lingüístico-formal dessas unidades lexicais.

Sob o prisma cultural, constata-se que, nos tempos atuais, não há mais fronteiras rígidas entre o léxico especializado e o geral de um mesmo idioma, evidenciando que palavras e termos assemelham-se, seguindo os mesmos padrões morfossintáticos de uma determinada língua. Configura-se uma realidade distinta daquela em que, deliberadamente, foram cunhadas as chamadas nomenclaturas técnico-científicas, com o auxílio do grego e do latim, a exemplo do que fizeram áreas como a Botânica, a Zoologia, a Química, entre outras. Esta foi uma estratégia adotada pelos cientistas para criar uma *língua universal à parte*, própria da ciência, norteados pelo ideal e pela crença de praticarem uma comunicação profissional, em âmbito internacional, com maior precisão conceitual e isenta da polissemia do léxico comum.

Muitas áreas do conhecimento, notadamente as de natureza científica, adotaram um processo denominativo para seus conteúdos especializados, recorrendo a formantes gregos e latinos. No entanto, como demonstram exemplarmente unidades como *nefropatia*

e *hidrômetro*, entre tantas outras, estas obedecem aos padrões morfossintáticos dos idiomas. No entanto, nestes casos, apesar das escolhas deliberadas e não arbitrárias, os termos integram-se aos idiomas, constituindo os léxicos especializados ou temáticos. Nessa medida, tornam-se passíveis de tradução, diferentemente das nomenclaturas técnico-científicas:

As denominações técnicas estão na língua porque são suscetíveis de serem traduzidas em língua estrangeira, mas são denominações de conhecimentos especializados, e é isto que as torna pertinentes terminologicamente (Lerat, 1995: 45).

De forma distinta dessas escolhas deliberadas e mesmo motivadas, o léxico especializado mais recente deixou de se caracterizar pela exclusividade designativa, seja em relação ao universo das distintas áreas de conhecimento, seja mesmo em relação ao léxico geral, como atestam os múltiplos sentidos terminológicos registrados nos verbetes dos dicionários gerais de língua, como é o caso de *vírus* e *rede*, que possuem sentidos específicos da biologia, mas que se modificam quando o contexto é a informática.

A inexistência de distinções marcantes no plano significante das unidades do léxico temático também evidencia que a propriedade que atribui estatuto terminológico a um signo lingüístico é o seu conteúdo específico, determinado pela sua integração a um campo de especialidade. É, pois, nessa dupla perspectiva - plano significante indistinto das palavras, bem como sua igual estruturação morfossintática - que os termos são elementos naturais das línguas naturais, não constituindo uma língua à parte.

Agrega-se ao quadro de inexistência de fronteiras rígidas entre léxico temático e geral, o processo de terminologização que muitas palavras da língua comum sofrem; e também ocorre o inverso, situação em que os termos circulam na comunicação ordinária, o que provoca perdas em suas densidades conceituais. Esta circulação é hoje comum, posto que a ciência é largamente

divulgada na mídia, não mais ficando restrita aos profissionais da área, como ocorre expressivamente no campo da saúde; de igual modo, a tecnologia oferece produtos que passam a integrar o cotidiano do cidadão, que, conseqüentemente, emprega as denominações dos produtos.

A rigor, termos e palavras coexistem sem outro diferencial que não o relativo ao plano conceitual que a comunicação especializada instaura e divulga nas diferentes áreas. O papel do componente conceitual na constituição do fenômeno terminológico explica, assim, o fundamento onomasiológico que preside a gênese das terminologias, bem como as razões pelas quais os termos cumprem as funções de fixar e divulgar o conhecimento especializado, independente de sua semelhança às palavras.

Já o aspecto formal mais problemático para a identificação das unidades de conteúdo especializado relaciona-se à estrutura morfossintática dos termos, que, em sua expressiva maioria, se constituem sob a forma de sintagmas, predominantemente locuções nominais, embora também locuções com verbos coexistam na comunicação profissional. Com efeito, a maioria dos termos técnico-científicos são unidades poliléxicas, também chamadas de sintagmas terminológicos, estruturas que costumam alcançar mais de 70% de uma terminologia. Geralmente, nas áreas novas de conhecimento, este índice tende a crescer, pois, como as denominações ainda não são definitivas, há uma tendência a especificações descritivas como: *normas de qualidade do ar*, ou *recursos naturais não renováveis*, ambas da área do meio ambiente, entre tantos outros exemplos.

Diante dessa realidade sintagmática, é, freqüentemente, difícil estabelecer o início e o final de uma longa composição articulada por substantivos e adjetivos, em geral, interligados por preposições. Nesses contextos sintagmáticos maiores, é sempre preciso distinguir o termo do não termo e avaliar os graus de lexicalização dos chamados candidatos a termo. O trabalho é menos complexo em áreas cuja terminologia já está consolidada e os conceitos, es-

tabelecidos. De todo modo, o reconhecimento dos limites de um sintagma terminológico é imprescindível ao trabalho de tradução técnica, sobretudo, porque o sentido das unidades lexicais especializadas complexas não equivale, obrigatoriamente, ao resultado direto da soma de seus constituintes.

Por todas essas razões, o reconhecimento terminológico é complexo, somando-se ainda o fato do surgimento maciço e constante de novas terminologias, bem como de fraseologias que contêm termos. A ciência, a tecnologia e as atividades profissionais não permanecem estagnadas. Em especial, nos tempos atuais, caracterizam-se por um espetacular avanço, e sua linguagem reflete esse dinamismo. Paralelamente, no mundo globalizado, aumenta a demanda pela tradução técnica, requerendo maiores competências temáticas e, em consequência, terminológicas dos tradutores.

As dificuldades aumentam porque nem sempre os profissionais da tradução podem contar com boas obras de referência especializada, bi e/ou multilíngües. O acesso a esse tipo de obra é de grande utilidade, porquanto repertórios temáticos já sistematizados, contribuem positivamente para o ato de documentar-se, componente que integra o rol de competências exigidas do tradutor especializado (Hurtado Albir, 2001).

Entretanto, em vista dessa carência, os tradutores são levados:

a atuarem como verdadeiros ‘pesquisadores-exploradores’ das linguagens especializadas. Desse modo, produzem seus próprios materiais de apoio e ‘fazem glossários’ (Krieger e Finatto, 2004: 179).

Na execução de um tal trabalho, os tradutores ressentem-se da falta de orientação teórica e metodológica para o tratamento e gestão dos termos, ou mesmo dos candidatos a termo, bem como de experiências práticas e orientadas para um uso de ferramentas adequadas, especialmente informatizadas, que permitam o registro e a gestão do léxico selecionado em glossários próprios. Agrega-se

ainda o desperdício de tempo, decorrente de um trabalho solitário, cuja premência não costuma permitir contatos com especialistas da área, podendo comprometer a qualidade do produto final.

Enfrentar essas questões atinge o cotidiano de tradutores, que, como se costuma dizer, são os principais usuários indiretos da terminologia. E, nessa *utilização* são obrigados, solitariamente, a encontrar soluções de manejo terminológico, objetivando alcançar maior qualidade não só nos resultados, como também no exercício de suas práticas tradutórias.

A concretude desses problemas demonstra que o aprendizado teórico e prático no campo da Terminologia¹ oferece subsídios que facilitem o reconhecimento e o tratamento das unidades lexicais especializadas, oportunizando ainda a experiência com a utilização de ferramentas apropriadas à gestão terminológica.

Mesmo que indiscutível a necessidade de aproximar a tradução da Terminologia teórica e prática, é fundamental esclarecer que esta disciplina não pretende, e não é seu objetivo, estabelecer metodologias para o processo tradutório. Limita-se a oferecer subsídios teóricos e aplicados que contribuem para diminuir dificuldades inerentes à tradução de textos especializados, *habitat* natural das terminologias. Em realidade, não há comunicação profissional sem termos. Reside aí, nesse cruzamento o principal motivo da referência a alguns aspectos que motivam e justificam as aproximações entre esses dois campos de práticas e de conhecimento, bem como a proposição de que a formação tradutora não prescindia de determinados conteúdos de teoria e aplicações terminológicas.

2. Terminologia para a tradução: princípios e fundamentos básicos

A aproximação entre Terminologia e tradução deve ser norteadada pela clara compreensão de que se trata de dois campos de práticas e de conhecimento, cujas identidades e propósitos específicos não

se confundem e em que tampouco as competências profissionais se equivalem. Mas, muitas vezes, isto pode ser confundido em razão de certas confluências entre as áreas, conforme Auber assinala:

No entanto, se, na sua epistemologia e no seu objeto de estudos, a Terminologia e a Tradução abarcam e se conduzem por caminhos distintos, no fazer tradutório e no fazer terminológico esses mesmos caminhos se cruzam e se entrecruzam (Auber, 1996: 14).

Se, muito sucintamente, é possível definir a tradução como um campo de práticas, de reflexão e de teorias voltados ao complexo processo tradutório, a Terminologia, por sua vez, também constitui um campo de estudos e de práticas. No entanto, seu objeto central é o termo técnico-científico, embora a fraseologia especializada e a definição terminológica também integrem seu campo de interesse. A teorização se faz com base nas análises descritivas centradas nos três objetos da Terminologia; já a parte prática relaciona-se às chamadas aplicações terminológicas, que compreendem a elaboração de uma variedade de instrumentos, tais como: glossários, dicionários técnico-científicos, bancos de dados terminológicos e sistemas de reconhecimento automático de terminologias.

Bem entendido, esta dupla face - teoria e aplicações - corresponde a uma concepção e uma forma de atuação mais contemporâneas da Terminologia; hoje, um campo de estudos fundamentado na Lingüística e em princípios comunicacionais. Tal desenvolvimento da Terminologia ganha relevância a partir dos anos 90 do século XX, quando a disciplina inicia um novo percurso em sua trajetória, revertendo abordagens puramente cognitivas e normalizadoras dos termos para um interesse sobre seus modos de constituição e funcionamento na comunicação especializada. Vale dizer, o termo deixou de ser concebido apenas como um nódulo cognitivo, representação virtual e hierárquica de um conceito próprio de determinada área do conhecimento especializado, para ser

visto como unidade lexical das línguas naturais, que se ativa terminologicamente nos diferentes cenários comunicativos de que participa. Dessa forma, recusa-se o apagamento dos aspectos lingüísticos, comunicativos e pragmáticos que envolvem o léxico das linguagens especializadas, conforme faziam os estudos clássicos de Terminologia ao privilegiarem a dimensão conceitual dos termos e o intuito de padronizá-los para garantir a univocidade no plano da comunicação internacional das ciências.

Muito embora a padronização terminológica cumpra um indiscutível papel referencial, favorecendo a comunicação, instrumentos terminográficos - glossários, dicionários e bancos de dados - de orientação prescritiva, não oferecem informações sobre variações e sinonímia, processos que também afetam o léxico especializado. Ao não registrarem a diversidade de realizações contextuais que as terminologias sofrem, esses instrumentos pouco auxiliam os tradutores das comunicações especializadas.

Com novos princípios epistemológicos e dados descritivos sobre os diferentes modos de articulação e funcionamento das unidades lexicais especializadas, a Terminologia já alcançou um grau de desenvolvimento, cujas pesquisas têm se tornado valiosas aos tradutores técnicos. Além das análises sobre os três objetos terminológicos, muitos estudiosos da área estão ampliando a investigação sobre os textos especializados por serem eles o *habitat* primeiro das terminologias. Tal estudo relaciona-se ao princípio de que os termos não são rótulos, etiquetas designativas de conceitos, mas têm sua gênese nos diferentes cenários comunicativos. Essas visões são relevantes para os tradutores técnicos, considerando-se sobretudo que as pesquisas sobre tradução técnica e as metodologias sobre essa prática não se caracterizam por avançarem em especificidades textuais. Isso se explica porque ainda não avançaram significativamente, mesmo no panorama internacional.

Desse modo, a identidade que a Terminologia assumiu, intensificando seus princípios de descrição do funcionamento dos termos e fraseologias, não foi unicamente de prescrição. Além do interes-

se pela definição terminológica e pelos textos especializados, ela permite visualizar melhor as condições de uma produtiva inter-relação entre as duas áreas. De todo modo, é preciso atentar para o fato de que o tema da relação entre as duas áreas ainda é bastante novo, como assinala Cabré:

Nenhum especialista minimamente informado em lingüística aplicada põe em questão, hoje em dia, que entre a tradução especializada e a terminologia existe uma relação evidente e inevitável, mas sem dúvida, se estudou muito pouco sobre as características e motivações dessa relação e menos ainda se estabeleceram seus limites (Cabré, 1999: 177).

Avançar adequadamente nesta relação, especialmente, nesse contexto aproximativo voltado ao ensino da Terminologia para tradutores, pressupõe a clara compreensão de que:

- fazer terminologia e fazer tradução são atividades que não se equivalem, lembrando-se de que o tratamento aplicado dos termos técnico-científicos pode se fazer apenas sob o enfoque monolíngüe;
- a Terminologia funciona como uma disciplina ancilar, de apoio para a Tradução, incluindo-se aí tanto sua face aplicada, consubstanciada sob a elaboração de produtos terminográficos, quanto a de campo de estudos com objetos de interesse próprios. De certa forma, é uma relação de complementaridade que não se confunde com um papel de subserviência, tendo em vista a grande funcionalidade pragmática que caracteriza a prática e o saber terminológicos;
- dadas as distinções entre as duas áreas, e as distintas competências exigidas de seus profissionais, é necessário avaliar bem a exata medida em que os estudos de Terminologia cumprem a funcionalidade almejada na formação do tradutor.

Este último item é um princípio essencial de todo o projeto de ensino. A esse respeito, há posições controversas, especialmente no que tange a teorias da Terminologia, cujo conhecimento é considerado desnecessário, pois viria em detrimento dos exercícios de prática tradutória. De fato, todo o enfoque somente teórico não auxilia a formar um profissional capaz de encontrar soluções adequadas à sua tarefa. E isto é válido para qualquer campo de atuação.

Em relação a essa grande dialética, sucintamente, dois aspectos devem ser lembrados: o tipo de ensino, ou seja, aquele somente informativo, que não impulsiona a reflexão, é geralmente inócuo; e, em contrapartida, abrir mão de qualquer conteúdo teórico não leva a uma formação profissional que capacite o sujeito a superar dificuldades, encontrando soluções adequadas ou possíveis, baseadas em reflexões. Tais problemas, embora não sejam exclusivos da formação do futuro tradutor, costumam ser reincidentes neste tipo de debate, no qual, com frequência, os tradutores técnicos são considerados como profissionais pragmáticos, desvalorizando-se toda a complexidade de fatores que sua competência exige.

Por todas essas razões, é preciso oferecer um estudo em que teoria e prática funcionem como duas faces de uma mesma moeda. Nessa perspectiva, a Terminologia é uma disciplina com potencial de realizar este projeto, pois a reflexão sobre seus objetos, que fundamentam as novas teorias da área, tem se originado do exame dos termos e das fraseologias especializadas em seus reais contextos de ocorrência. A idéia fundamental é de postular princípios do funcionamento de uma terminologia *in vivo* e não *in vitro*, como antes se fazia. De igual forma, o estudo das definições terminológicas, ao contrário de limitar-se à proposição de modelos, está avançando pelo caminho de compreender o enunciado definitório como um texto, perpassado pelas marcas do sujeito da enunciação (Finatto, 2001).

Dessa maneira, não apenas a Lingüística, mas contribuições das teorias de texto e de discurso têm auxiliado a impulsionar os

estudos terminológicos, que, com essa nova perspectiva, voltada inclusive à constituição dos textos especializados, pode oferecer mais subsídios para a reflexão e a prática tradutórias.

3. A produtividade de alguns conteúdos teóricos

Não se pretende, aqui, apresentar programas de disciplinas de Terminologia, mas salientar alguns conteúdos necessários à formação tradutória, envolvendo aspectos teóricos e práticos, mesmo que em Terminologia, muitas vezes, seja difícil estabelecer os limites dessa relação. Tais conteúdos, objetivando favorecer o conhecimento e o manejo dos termos técnico-científicos independente de idioma, fundamentam-se na crença de que:

A maior colaboração que a disciplina terminológica pode oferecer aos tradutores é a de auxiliá-los a compreender a natureza, o estatuto, a constituição e o funcionamento dos termos técnico-científicos (Krieger e Finatto, 2004: 70).

Diante disso, o eixo básico do ensino deve articular-se sobre os seguintes itens: natureza da terminologia, padrões prototípicos, identificação e funcionamento dos termos. Esse conjunto de itens explica-se na medida em que os conteúdos desenvolvidos auxiliam no reconhecimento dos termos, bem como na análise de seu comportamento nas diferentes línguas. Muitos desses aspectos são estreitamente interrelacionados, mas, por razões metodológicas, necessitam ser apresentados separadamente, destacando-se sua funcionalidade para a tradução. Por exemplo, descrever a natureza da terminologia, compreendida como o conjunto de termos de uma dada área, visa a evidenciar os elementos que estão sendo acionados na comunicação profissional em razão de suas três dimensões constitutivas básicas, quais sejam:

- dimensão lingüística: léxico especializado/temático
- dimensão cognitiva: *representação lexical do conhecimento especializado*
- dimensão comunicacional: *meio de expressão/elemento nuclear da comunicação profissional*

Ao se explicar a natureza da terminologia sob o eixo tridimensional básico que a constitui - lingüístico, cognitivo, comunicacional - salienta-se também que o termo técnico-científico não é um elemento periférico nas comunicações especializadas. Ao contrário, é nódulo cognitivo central, permitindo ao homem denominar objetos, processos e conceitos estabelecidos em determinado campo de conhecimento. O importante papel de fixar e divulgar conhecimento especializado que a Terminologia assume é determinante, por sua vez, da importância do emprego de equivalências adequadas na transposição interlínguas da comunicação profissional.

A identificação das tipologias prototípicas das terminologias é de grande utilidade ao tradutor, auxiliando-o a conhecer peculiaridades do componente lexical especializado dos idiomas, tanto sob o enfoque lingüístico - especialmente relacionado a categorias gramaticais e aspectos morfossintáticos - quanto semiótico. Dependendo de seus objetivos, o tradutor pode avançar e observar os padrões morfológicos mais freqüentes na área de seu interesse. Os padrões formais prototípicos podem assim ser sistematizados:

- Categoria gramatical: nomes (substantivos, adjetivos), verbos;
- Sintagmas terminológicos: *mercado de renda variável*;
- Signos verbais plenos: *águas poluídas*;
- Signos verbais reduzidos: siglas, acrônimos, abreviaturas;
- Signos não verbais: fórmulas.

Conforme se sabe, a categoria gramatical predominante nos termos é a dos substantivos, mas adjetivos e verbos também ocor-

rem. Os sintagmas terminológicos são predominantes e os termos caracterizam-se também pela forma natural de uso, ou seja, se empregados numa forma de feminino plural, assim se consagram. De igual modo, signos reduzidos, e não verbais, assumem papel de termos, caso este de fórmulas e de símbolos.

Em relação ao estatuto terminológico que uma unidade lexical alcança, já como antes mencionado, o cenário comunicativo é determinante. Isso significa entender, como diz Sager (1993: 149), que “os termos funcionam num modelo de comunicação”, e é, nessa medida, que são unidades lingüístico-pragmáticas que participam da constituição dos discursos científicos e técnicos. Conseqüentemente, as unidades terminológicas sofrem todos os processos da inserção lexical em discurso, tais como a variação, que pode ser denominativa ou conceitual, e a sinonímia, aspectos que explicam também seu modo de funcionamento. Por exemplo, textos de divulgação científica não somente se caracterizam pelo uso de variantes denominativas, mas também de variação conceitual, pois a informação para ser processada para um grande público tem perdas de densidade conceitual. Diante disso, o tradutor fará escolhas de equivalências terminológicas compatíveis com o tipo de texto da língua de partida.

Estes aspectos ilustram a idéia de que o ensino de Terminologia para tradutores contribui para um manejo facilitado e mais consciente das unidades lexicais temáticas. Para tanto, contribui a apreensão das características prototípicas dos termos, bem como o princípio de que o estatuto terminológico de uma unidade lexical se relaciona, em primeiro plano, ao cenário da comunicação profissional. Neste contexto, é também produtiva a análise de componentes que articulam o termo em diferentes patamares de suas realizações cognitiva e lingüística e o reconhecimento de suas propriedades semânticas e pragmáticas prototípicas - a monossímia e a monorreferencialidade, que, ao propiciarem precisão conceitual, favorecem a univocidade na comunicação técnico-científica, qualidade que a competente tradução técnica igualmente realiza.

Evidentemente, esses conteúdos não esgotam um programa de Terminologia para o tradutor em formação, havendo outros problemas como o dos neologismos terminológicos, mas ilustram a produtividade de conhecimentos teóricos e descritivos para sua futura prática.

4. Bases de Terminologia Aplicada

A Terminologia aplicada, de maior interesse do tradutor, relaciona-se à elaboração de glossários, dicionários técnicos e bancos de dados terminológicos, instrumentos que permitem armazenar e recuperar os registros terminológicos e seus correspondentes conceitos, junto a outras informações lingüísticas complementares. Com frequência, o tradutor é levado a produzir instrumentos dessa natureza, pois não encontra bons materiais de suporte, quer porque os termos do tema de que está tratando ainda não foram repertoriados, quer porque o material existente não atende a suas necessidades ou ainda não é confiável.

No caso de estudos aplicados de Terminologia, o exercício de elaborar instrumentos dessa natureza é fundamental para a prática tradutória, pois os instrumentos lexicográficos permitem recuperar a informação considerada usual e aceita coletivamente no que diz respeito tanto ao emprego do termo como ao conceito que veicula. Por isso, são obras de referências de grande significado no conjunto da documentação de apoio de que o tradutor necessita.

Diante disso, são de grande valia conteúdos que tratam da estrutura geral das obras clássicas dicionarísticas, bem como do desenho que sustenta uma base ou um banco de dados informatizados. Nesse contexto, incluem-se os exercícios com ferramentas informatizadas de apoio à tradução, junto a outras que efetuam o processamento da linguagem natural e que, por agilizarem o reconhecimento de candidatos a termos em *corpus* textuais de grande extensão, também facilitam e modernizam as condições da prática

tradutória. Por tudo isso, é imprescindível a familiarização com as ferramentas, em geral disponíveis no mercado, voltadas à gestão das terminologias, mesmo que necessitem de adaptações aos projetos individuais.

Nessa área de informatização, o tradutor em formação poderá também receber orientações de busca de termos pela *internet*, impondo-se paralelamente uma definição de critérios de escolha de corpus eletrônico, selecionados com os devidos filtros. Alinha-se aí a orientação sobre tipos de consultas possíveis, hoje facilitadas pelos recursos informatizados. Esta é mais uma ilustração dos conteúdos aplicados de que pode se beneficiar o tradutor em formação.

Como uma complementaridade inerente aos exercícios informatizados de gestão terminológica, agrega-se o domínio dos recursos e princípios de tratamento dos dados que alimentam os instrumentos de referência. Alinha-se aí a metodologia de registro de dados, como a ficha terminológica, constituída por campos de interesse do trabalho. É assim que ela conterà o registro de dados como termo, fonte bibliográfica, definição, contextos, informações sociolinguísticas (variação e sinonímia), equivalências, entre outros elementos necessários à tradução.

A familiarização com esses procedimentos evidencia a produtividade de um ensino terminológico aplicado, que, entre inúmeros outros benefícios, permite um conhecimento mais aprofundado com a terminologia de uma determinada área em duas línguas, quando se trata do imprescindível exercício de elaboração de um instrumento terminográfico temático. Por este viés, o futuro profissional já poderá escolher uma área de especialização para seu trabalho, ampliando sua competência, ao conhecer e, mesmo dominar, os termos e conceitos de um campo de especialidade. Adentrar na especialidade é um requisito sempre necessário ao tradutor técnico.

Com bases de conhecimento desta natureza, diminuem os graus de dificuldade de tratamento e manejo dos termos. Entretanto, a prática de gestão terminológica será profícua se for

assentada sobre um conhecimento teórico mínimo sobre a constituição, o estatuto e funcionamento das terminologias. Caso contrário, os exercícios serão puramente de domínio informático, mas desprovidos de uma reflexão fundamentada, capaz de orientar as difíceis escolhas sobre equivalências terminológicas e fraseológicas, junto a tantos outros componentes que o processo tradutório de textos especializados requer. E este processo ou esta prática demonstram que o destino cruzou os caminhos da tradução e da terminologia.

Nota

1. Há uma tendência a convencionar que Terminologia, grafada com T maiúsculo, é indicativa de campo de conhecimento e, com t, minúsculo, é referente ao conjunto de termos de uma especialidade.

Bibliografia

ARAUJO, L.A. *De big bangs a buracos negros no universo da tradução no Brasil*: um estudo sobre o papel da terminologia na prática tradutória e na formação de tradutores. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2001. (Tese de Doutorado).

AUBERT, F.H. Introdução à metodologia da pesquisa bilingüe. In: *Cadernos de Terminologia*, São Paulo, 1996. p. 14.

CABRÉ, M.T. *La terminología*: representación y comunicación. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1999.

FINATTO, M.J.B. *Definição terminológica*: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. (Tese de Doutorado).

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y Traductología*: introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2001.

KRIEGER, M.G. e FINATTO, M.J.B. *Introdução à Terminologia*: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LERAT, P. *Les langues spécialisées*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

SAGER, Juan C. *Curso práctico sobre el procesamiento de la terminología*. Madrid: Fundación G.S. Ruipérez, 1993.